

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
A VIDA PASSADA A LIMPO

POSFÁCIO

Luciano Rosa

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Faixas ritmadas*, 1958,  
de Ivan Serpa, óleo sobre tela, 97 x 130 cm.  
Museu de Arte Contemporânea de Niterói.  
Coleção de João Sattamini.  
Reprodução de Jaime Acioli.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

A vida passada a limpo/ Carlos Drummond de  
Andrade; posfácio Luciano Rosa — 1ª ed. — São Paulo:  
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2348-3

I. Poesia brasileira I. Título.

13-10335

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## Sumário

- 9 *Poema-orelha*  
11 Nudez  
13 Ar  
14 Instante  
15 Os poderes infernais  
16 Leão-marinho  
17 A um morto na Índia  
19 A vida passada a limpo  
20 Sonetos do pássaro  
22 Tríptico de Sônia Maria do Recife  
25 Procura  
26 Os materiais da vida  
27 Ciência  
28 Especulações em torno da palavra homem  
33 A Goeldi  
35 Prece de mineiro no Rio  
37 Pranto geral dos índios  
40 Ciclo  
43 Pacto  
45 Véspera  
47 A um bruxo, com amor  
50 Inquérito  
52 A um hotel em demolição
- 61 Posfácio  
*Mina de intelecções e de sentidos,*  
LUCIANO ROSA
- 73 Leituras recomendadas  
75 Cronologia  
81 Crédito das imagens  
83 Índice de primeiros versos

# **A VIDA PASSADA A LIMPO**

## POEMA-ORELHA

*Esta é a orelha do livro  
por onde o poeta escuta  
se dele falam mal*

*ou se o amam.*

*Uma orelha ou uma boca  
sequiosa de palavras?  
São oito livros velhos  
e mais um livro novo  
de um poeta inda mais velho  
que a vida que viveu  
e contudo o provoca  
a viver sempre e nunca.*

*Oito livros que o tempo  
empurra para longe*

*de mim*

*mais um livro sem tempo  
em que o poeta se contempla  
e se diz boa-tarde  
(ensaio de boa-noite,  
variante de bom-dia,  
que tudo é o vasto dia  
em seus compartimentos  
nem sempre respiráveis  
e todos habitados  
enfim).*

*Não me leias se buscas  
flamante novidade  
ou sopro de Camões.  
Aquilo que revelo  
e o mais que segue oculto  
em vítreos alçapões*

são notícias humanas,  
simples estar-no-mundo,  
e brincos de palavra,  
um não-estar-estando,  
mas de tal jeito urdidos  
o jogo e a confissão  
que nem distingo eu mesmo  
o vivido e o inventado.  
Tudo vivido? Nada.  
Nada vivido? Tudo.  
A orelha pouco explica  
de cuidados terrenos:  
e a poesia mais rica  
é um sinal de menos.

## NUDEZ

Não cantarei amores que não tenho,  
e, quando tive, nunca celebrei.  
Não cantarei o riso que não rira  
e que, se risse, ofertaria a pobres.  
Minha matéria é o nada.  
Jamais ousei cantar algo de vida:  
se o canto sai da boca ensimesmada,  
é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,  
nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,  
mas tão disperso, e vago, tão estranho,  
que, se regressa a mim que o apascentava,  
o ouro suposto é nele cobre e estanho,  
estanho e cobre,  
e o que não é maleável deixa de ser nobre,  
nem era amor aquilo que se amava.

Nem era dor aquilo que dóia;  
ou dói, agora, quando já se foi?  
Que dor se sabe dor, e não se extingue?  
(Não cantarei o mar: que ele se vingue  
de meu silêncio, nesta concha.)  
Que sentimento vive, e já prospera  
cavando em nós a terra necessária  
para se sepultar à moda austera  
de quem vive sua morte?  
Não cantarei o morto: é o próprio canto.  
E já não sei do espanto,  
da úmida assombração que vem do norte  
e vai do sul, e, quatro, aos quatro ventos,  
ajusta em mim seu terno de lamentos.

Não canto, pois não sei, e toda sílaba  
acaso reunida  
a sua irmã, em serpes irritadas vejo as duas.

Amador de serpentes, minha vida  
passarei, sobre a relva debruçado,  
a ver a linha curva que se estende,  
ou se contrai e atrai, além da pobre  
área de luz de nossa geometria.  
Estanho, estanho e cobre,  
tais meus pecados, quanto mais fugi  
do que enfim capturei, não mais visando  
aos alvos imortais.

Ó descobrimento retardado  
pela força de ver.  
Ó encontro de mim, no meu silêncio,  
configurado, repleto, numa casta  
expressão de temor que se despede.  
O golfo mais dourado me circunda  
com apenas cerrar-se uma janela.  
E já não brinco a luz. E dou notícia  
estrita do que dorme,  
sob placa de estanho, sonho informe,  
um lembrar de raízes, ainda menos  
um calar de serenos  
desidratados, sublimes ossuários  
sem ossos;  
a morte sem os mortos; a perfeita  
anulação do tempo em tempos vários,  
essa nudez, enfim, além dos corpos,  
a modelar campinas no vazio  
da alma, que é apenas alma, e se dissolve.



## AR

Nesta boca da noite,  
cheira o tempo a alecrim.  
Muito mais trescalava  
o incorpóreo jardim.

Nesta cova da noite,  
sabe o gesto a alfazema.  
O que antes inebriava  
era a rosa do poema.

Neste abismo da noite,  
erra a sorte em lavanda.  
Um perfume se amava,  
colante, na varanda.

A narina presente  
colhe o aroma passado.  
Continuamente vibra  
o tempo, embalsamado.

## INSTANTE

Uma semente engravidava a tarde.  
Era o dia nascendo, em vez da noite.  
Perdia amor seu hálito covarde,  
e a vida, corcel rubro, dava um coice,

mas tão delicioso, que a ferida  
no peito transtornado, aceso em festa,  
acordava, gravura enlouquecida,  
sobre o tempo sem caule, uma promessa.

A manhã sempre-sempre, e docia stutos  
eus caçadores a correr, e as presas  
num feliz entregar-se, entre soluços.

E que mais, vida eterna, me planejas?  
O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento.

## OS PODERES INFERNAIS

O meu amor faísca na medula,  
pois que na superfície ele anoitece.  
Abre na escuridão sua quermesse.  
É todo fome, e eis que repele a gula.

Sua escama de fel nunca se anula  
e seu rangido nada tem de prece.  
Uma aranha invisível é que o tece.  
O meu amor, paralisado, pula.

Pulula, ulula. Salve, lobo triste!  
Quando eu secar, ele estará vivendo,  
já não vive de mim, nele é que existe

o que sou, o que sobro, esmigalhado.  
O meu amor é tudo que, morrendo,  
não morre todo, e fica no ar, parado.

## LEÃO-MARINHO

Suspendei um momento vossos jogos  
na fímbria azul do mar, peitos morenos.  
Pescadores, voltai. Silêncio, coros  
de rua, no vaivém, que um movimento

diverso, uma outra forma se insinua  
por entre as rochas lisas, e um mugido  
se faz ouvir, soturno e diurno, em pura  
exalação opressa de carinho.

É o louco leão-marinho, que pervaga,  
em busca, sem saber, como da terra  
(quando a vida nos dói, de tão exata)

nos lançamos a um mar que não existe.  
A doçura do monstro, oclusa, à espera...  
Um leão-marinho brinca em nós, e é triste.

## A UM MORTO NA ÍNDIA

Meu caro Santa Rosa, que cenário  
diferente de quantos compuseste,  
a teu fim reservou a sorte vária,  
unindo Paraíba e Índias de leste!

Tudo é teatro, suspeito que me dizes,  
ou sonhas? ou sorris? e teu cigarro  
vai compondo um desenho, entre indivisos  
traços de morte e vida e amor e barro.

Amavas tanto o amor que as musas todas  
ao celebrar-te (são mulheres) choram,  
e não pressentem que um de teus engodos  
é não morrer, se as parcas te devoram.

Retifico: são simples tecedeiras,  
são mulheres do povo. E teu destino,  
uma tapeçaria onde as surpresas  
de linha e cor renovam seu ensino.

Que retrato de ti legas ao mundo?  
Se são tantos retratos, repartidos  
na verlainiana máscara, profunda  
mina de intelecções e de sentidos?

Meus livros são teus livros, nessa rubra  
capa com que os vestiste, e que entrelaça  
um desespero aberto ao sol de outubro  
à aérea flor das letras, ritmo e graça.

Os negros, nos murais, cumprem o rito  
litúrgico do samba: estão contando

a alegria das formas, trismegisto  
princípio de arte, a um teu aceno brando.

Essa alegria de criar, que é tua  
explanação maior e mais tocante,  
fica girando no ar, enquanto avulta,  
em sensação de perda, teu semblante.

Cortês amigo, a fala baixa, o manso  
modo de conviver, e a dura crítica,  
e o mais de ti que em fantasia dança,  
pois a face do artista é sempre mítica,

em movimento rápido se fecha  
na rosa de teu nome, claro véu,  
ó Tomás Santa Rosa... E em Nova Delhi,  
o convite de Deus: pintar o céu.